

KARL MARX E OS MOVIMENTOS SOCIAIS:

Uma análise sobre os conceitos desenvolvidos pelo pensamento marxista

Gabrielle Andrade da Silva*

O presente artigo tem como escopo apresentar uma possível relação entre o pensamento de Karl Marx e a compreensão de movimentos sociais. Embora a teoria marxista não tenha abordado a questão dos movimentos sociais em si, o que se almeja aqui é abordar os conceitos desenvolvidos por essa concepção, que podem ser aplicados às abordagens pioneiras e contemporâneas acerca dos movimentos sociais.

Para tanto, é necessário analisar em um primeiro momento quais as definições de movimentos sociais desenvolvidos até então, e assim tratar as ideias de Marx pertinentes ao tema. Tal correlação se torna importante, não apenas por discutir o pensamento de um autor clássico da sociologia, mas também por abordar o conceito de Movimentos sociais.

* Graduada em Direito pela União das Faculdades Alfredo Nasser e Mestranda em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás.

Cabe ressaltar que, na década de 1960, começaram a ser resgatados, para o debate na academia, diversos conceitos de movimentos sociais da contemporaneidade. Desde então, diversas teorias foram desenvolvidas, ao que tange a discussão desse fenômeno social, no entanto, ainda não existe um consenso sobre tal temática, ou seja, mesmo que não seja uma discussão recente, as teorias acerca dos movimentos sociais são um tema pertinente e atual.

Diante da multiplicidade de abordagens que podem ser tratados, tanto no que diz respeito aos conceitos marxistas, quanto às definições de movimentos sociais, é necessário reiterar que o foco deste artigo é relacionar tais temas. Nesse sentido, o questionamento proposto é: quais as possíveis relações que podem ser estabelecidas entre o pensamento de Marx e as teorias dos movimentos sociais?

Para responder tal questão é preciso realizar a pesquisa por meio de uma revisão bibliográfica. O que *a priori* se dá através de uma leitura de obras que abordam as teorias desenvolvidas circundantes aos movimentos sociais. Dessa forma, no presente artigo, serão analisados, sucintamente, autores marxistas, dentro da temática dos movimentos sociais.

O estudo dos autores que debatem os conceitos dos movimentos sociais não é suficiente para responder o questionamento exposto. Nesse sentido, é imprescindível que também seja perscrutado o estudo de Karl Marx,

assinalando, em sua obra, quais pontos podem ser relacionados com os movimentos sociais.

É conveniente salientar que, na produção de Marx, não existe uma discussão sobre a teoria dos movimentos sociais. Entretanto, é possível pressupor que muitos dos conceitos desenvolvidos pelo autor em questão, podem ser aplicados aos movimentos sociais, principalmente, se pensarmos no desenvolvimento do conceito de transformação social – característica dos movimentos sociais.

Primeiras teorias sobre as ações coletivas

Antes de trazer os conceitos abordados por Marx, pertinentes as discussões sobre os movimentos sociais, serão apresentadas as teorias que discutem esse assunto. Isto é, as ideias sobre a ação coletiva e as dos movimentos sociais na contemporaneidade. Tornando possível assim, a correlação entre essas abordagens e o pensamento de um dos autores clássicos da sociologia, Karl Marx.

De acordo com Alonso (2009), as teorias dos movimentos sociais surgiram de 1930 a 1960, concomitante ao advento das multidões que reclamavam por mudanças sociais. Evidencia-se que tais movimentações eram pacíficas e não almejavam a tomada do poder estatal.

Já no que diz respeito ao pensamento de Marx, só seria possível alcançar a justiça social, com a abolição do

capital e do Estado. Nesse sentido, destacam-se diversas partes de sua produção com tais preceitos, por exemplo, quando descreve a Comuna de Paris, em que os proletários se unem como uma classe, e declaram independência de sua comuna, abolindo o poder do governo francês, instalado em Versalhes, da cidade de Paris. (MARX, 1999a)

Voltando as definições de movimentos sociais, é importante ressaltar que as discussões acerca da ação coletiva surgem aproximadamente em 1930, enquanto a abordagens recentes são de 1960 até os dias atuais. Nesse momento, será realizado um breve apanhado no que tange as abordagens pioneiras:

Os autores clássicos analisavam os movimentos sociais em termos de ciclos evolutivos em que seu surgimento, crescimento e propagação ocorriam por intermédio de um processo de comunicação que abrangia contatos, rumores reações circulares, difusão das ideias etc. As insatisfações que geravam as reivindicações eram vistas como respostas às rápidas mudanças sociais e a desorganização social subsequente. A adesão aos movimentos sociais seriam respostas cegas e irracionais de indivíduos desorientados pelo processo de mudança que a sociedade industrial gerava. Nessas abordagens dava-se, portanto, grande importância à reação psicológica dos

indivíduos diante das mudanças, reação considerada como pensamento não-racional ou irracional. (GOHN. 2002, p.24)

Existem cinco grandes correntes que, para Maria da Glória Gohn são clássicas, e são aquelas que tratam das ações coletivas. Segundo Gohn (2002) a primeira corrente é oriunda da Escola de Chicago, que juntamente com determinados interacionistas simbólicos, foi responsável pela obra pioneira na abordagem acerca dos movimentos sociais. Já a segunda linha de pensamento, tinha como autores Hoffer e Kornhause, e posteriormente influenciou produções que classificavam movimentos sociais como antimodernos.

Uma terceira corrente que esteve presente nos trabalhos de alguns autores argumentava no sentido de articular as classes e as relações sociais de produção, na busca de entendimento dos movimentos revolucionários. Já a quarta corrente analisa as formas essenciais do comportamento coletivo, até que se forme uma ação coletiva em grande escala. Esta última esteve presente nos estudos de Goffman (1959) e Smelser (1962), sendo esse responsável pelo desenvolvimento de um importante estudo acerca dos movimentos sociais. (GOHN, 2002)

Gohn destaca ainda uma quinta e última corrente pioneira sobre a ação coletiva, denominada

organizacional-institucional. Tal corrente não originou teoria alguma tangente ao estudo dos movimentos sociais em sua época, mas foi influente nos estudos ainda presentes na atualidade, no que tange os estudos sobre a ação coletiva e os movimentos sociais.

Por fim, de acordo com Iglesias (2015), ainda sobre as abordagens da ação coletiva, o pensamento dos movimentos sociais tem mais significância teórica na análise dos fenômenos atuais. Concluída a breve exposição acerca das teorias clássicas da ação coletiva, cabe, nesse momento, direcionar o foco do estudo para as teorias contemporâneas dos movimentos sociais.

Abordagens sobre os movimentos sociais na contemporaneidade

Conforme Alonso (2009), após os anos 1960, os sociólogos que até então tinham voltado suas atenções para estudos de revoluções e/ou a ausência dessas, passaram a direcionar seus estudos também para esses movimentos. A partir disso, foram desenvolvidas três grandes categorias, que serão resumidas adiante.

A primeira grande corrente interpretativa contemporânea sobre movimentos sociais foi a Teoria da Mobilização de Recursos (TMR). Segundo Gohn (2002), alguns pontos que não foram tratados nas abordagens pioneiras sobre a ação coletiva começam a surgir nos movimentos sociais da década de 1960, por exemplo, o

movimento feminino, pacifista e por direitos civis. Tal fato fez com que a TMR rejeitasse a ênfase dada pelo paradigma clássico aos aspectos psicossociais.

Para Alonso (2009), na TMR o enfoque é para os recursos. Considerando que esses podem ser materiais quando são relacionados ao financeiro e a infraestrutura dos movimentos, ou humanos, que são ligados aos apoiadores e colaboradores, ou ainda os organizacionais - a coordenação exercida entre indivíduos.

Outra corrente contemporânea que pensou a respeito dos movimentos sociais foi a Teoria do Processo Político (TPP). Segundo Nunes (2011), diferentemente da TMR, a TPP não prioriza a questão da racionalidade do movimento quanto a sua organização, mas sim quanto ao conjunto de subsídios e constrangimentos políticos que podem beneficiar ou prejudicar um movimento. Para tais composições se dá o nome de Estruturas de Oportunidades Políticas (EOP).

Antes de partirmos para a última grande corrente contemporânea que aborda a temática dos movimentos sociais é necessário esclarecer o conceito de estruturas e oportunidades políticas. Segundo Tarrow (2009) as EOPs são estruturas de oportunidades ou restrições na atuação dos movimentos sociais, são importantes no que tange o confronto político social do que em fatores apenas socioeconômicos.

A última grande teoria contemporânea sobre os movimentos sociais é a Teoria dos Novos Movimentos Sociais (TNMS). Esses surgem, segundo seus teóricos, para suprir a definição das ações coletivas acarretadas pelos antagonismos contemporâneos. Para Alonso (2009), a partir da década de 1960 os problemas sociais vão além daqueles indicados pela obra de Marx, e sim novos atores sociais, os quais tentam resolver conflitos que não dizem respeito apenas aos antagonismos das classes sociais, conforme propostas pelo autor em questão:

A luta entre o capitalista e o assalariado remonta à própria origem do capital. Atravessou todo o período da manufatura. Mas só a partir da introdução da maquinaria o operário lutou contra o próprio instrumento de trabalho, encarnação material do capital. Ele revolta-se contra essa forma particular dos meios de produção, como sendo base econômica do mundo de produção capitalista. (MARX, 1974, p. 273).

O texto acima explicita que para Marx o conflito social de maior magnitude é o de classes. Já para os autores do TNMS, esses conflitos já estavam superados, e agora a humanidade tinha que se defrontar com outros problemas: “o conflito não está mais associado a um setor considerado fundamental da atividade social, à

infraestrutura da sociedade, ao trabalho em particular; ele está em toda a parte” (TOURAINÉ, Apud ALONSO, 2009, p. 60).

Diante disso, mesmo que se reconheça dentro do TNMS o conflito histórico de classe, afirma que atualmente existem outras possibilidades de situações antagônicas. Para o autor, a zona de conflito se deslocou do ambiente de trabalho para o corpo - que agora é um objeto científico - e para o componente religioso. Logo, podemos interpretar que os conflitos sociais da contemporaneidade se estendem a outras condições inerentes ao indivíduo, ou seja, questões ligadas a identidade coletiva (MELUCCI, Apud ALONSO, 2009).

Por conseguinte, de acordo com a interpretação de Gohn (2002) a categoria de consciência de classe não é o ponto de destaque para a maioria dos autores do TNMS, uma vez que esse tem foco na cultura e identidade. O novo sujeito que surge é coletivo, difuso e não hierarquizado, não pertencente, e em muitos movimentos sociais da atualidade não existe uma classe específica, e que também luta necessariamente contra a estrutura capitalista - um ator social que busca o fim das discriminações no que tange o acesso à modernidade.

Seguindo esse raciocínio, Alonso (2009) em sua análise acerca dos movimentos sociais que eclodiram nos anos 1960, tanto nos Estados Unidos, quanto na Europa, tiveram motivações que não eram relacionadas com

conflitos de classe. Para a autora os movimentos sociais da modernidade se baseavam em questões como etnia, gênero e estilo de vida.

Portanto, podem-se constatar, nas abordagens dos movimentos sociais da atualidade, algumas categorias emergentes. Dessa forma, de acordo com Gohn (2008), algumas categorias do pensamento marxista dão espaço para outras, tais como capital social, inclusão social, empoderamento da comunidade, sustentabilidade, vínculos e laços sociais etc.

É patente que as categorias do pensamento de Marx permanecem no estudo de autores marxistas. Um exemplo disso é Callinicos (2000) ao abordar o movimento negro afirmando que, na realidade, a luta é contra a opressão gerada pelo capital. O que se deve ao fato do racismo é um conflito social que privilegia as classes mais abastadas, citando ainda a grande rebelião de Los Angeles, em 1992, que uniu classe e raça, e teve grande impacto para a estrutura capitalista, bem maior, segundo o autor, caso fosse um ato apenas racial.

A ideia da união de pessoas da mesma classe, como instrumento de transformação social é uma forma de aplicar o pensamento de Marx aos movimentos sociais da contemporaneidade, mesmo que os indivíduos pertençam a grupos sociais diferentes (negros, latinos e orientais):

A história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas de classes.

Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, mestre de corporação e companheiro, numa palavra, opressores e oprimido, em constante oposição, têm vivido uma guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada; que terminou sempre, ou por uma transformação revolucionária, da sociedade inteira ou pela destruição das duas classes em luta (MARX, 1999b, p.7).

Concluído o célere apanhado dos estudos pioneiros e da contemporaneidade dos movimentos sociais, pode-se partir para o estudo sobre as influências do pensamento marxista para tais teorias. Ressalva-se que a contribuição de Marx está, sobretudo, no método desenvolvido para pesquisar a sociedade capitalista, que é o materialismo histórico dialético, pois, para se compreender o movimento social é indispensável que se compreenda a sociedade onde esse se origina, que é a capitalista.

Pensamento Marxista e os Movimentos Sociais

Karl Marx viveu nos anos de 1818 a 1883, e por isso, foi impossível ele desenvolver uma análise específica sobre os movimentos sociais. Mas se tal autor não desenvolveu um estudo acerca do fenômeno - objeto do

presente estudo -, por que a leitura de sua obra é pertinente?

Marx desenvolveu um estudo sobre a sociedade capitalista, em *O capital* (1994) e em outras obras. O autor faz uma análise sobre a mercadoria, circulação de bens, transformação de dinheiro em capital, além das formas de exploração do trabalho, desenvolvendo assim, conceitos como a mais-valia. Nesse sentido, o autor, além de estudar a economia da sociedade capitalista, em outras obras, trata das relações sociais com foco nas tensões das classes e nas transformações sociais.

Dessa forma, Marx (1982) afirma que a dialética materialista – método adotado e reformulado pelo autor – exige uma transformação radical da estrutura social. Diante disso, Pode-se constatar que até mesmo a metodologia do autor e revolucionária e busca a mudança da sociedade capitalista.

Como já compreendido acima, muitas das categorias desenvolvidas por Marx inspiraram o desenvolvimento das teorias dos movimentos sociais. Por exemplo, a questão da transformação social. Ilse Scherer-Warren apud Gohn (2002, 176):

Marx foi um dos mais importantes criadores de um projeto de transformação radical da estrutura social, projeto este de superação das condições de opressão de classe. Para sua realização, além do

amadurecimento de condições estruturais propícias, exige-se também uma práxis revolucionária das classes exploradas. A efetivação desta práxis, porém, requer a formação da consciência de classe e de uma ideologia autônoma de forma organizada, para as quais sugere o partido de classe.

Diante do trecho acima, existem algumas ressalvas no que tange a obra de Marx. Em um primeiro plano, cabe salientar que Marx e Engels (2001) não empregam ideologia como algo positivo, e para os autores se tratava de uma falsa consciência, desprovida de objetividade, logo, quando Ilse Scherer-Warren emprega o termo “ideologia autônoma de forma organizada” como um instrumento de concretização da transformação revolucionária proposta por Marx, essa categoria é da autora e não do pensamento marxista.

Outro termo problemático utilizado por Ilse Scherer-Warren é “partido de classe”. Marx e Engels (1999b) não sugerem uma criação de um partido formado pelos proletários, mas sim a união da classe trabalhadora, organizada como um partido, de maneira autônoma e independente, o que não significa a formação de um partido político dos proletários.

A vista disso, surge o questionamento: a transformação social, proposta pelos movimentos sociais, e a proposta por Marx, são as mesmas? Primeiro é

necessário entender que o projeto de transformação social do pensamento marxista é revolucionário e busca, com a união dos proletários, não apenas tomada de poder, mas sim a destruição desse.

Para Marx (1999b), a única classe capaz de fazer uma revolução é o proletariado, e as demais classes não conseguem sustentar a postura revolucionária diante do capital. As classes médias, por exemplo, não podem combater o burguês. Isso se deve ao fato de que a classe média tem alguns privilégios que podem ser perdidos no caso de uma postura revolucionária, e por isso, de um modo geral, são conservadoras ou ainda reacionárias.

Dessa forma, dentro do pensamento marxista, a transformação somente pode acontecer, partindo do proletariado. Já nos movimentos sociais, existem grupos sociais compostos de diversas classes, as quais nem sempre buscam a mudança de toda a estrutura social, quicá a extinção do poder do capital. Nesse sentido, para Jensen (2014, p. 134):

Os movimentos sociais são diferentes dos movimentos políticos das classes sociais. Os movimentos sociais possuem como base grupos sociais e não classes sociais. A luta de classes gira em torno das relações de produção e as lutas dos movimentos sociais giram em torno de questões específicas relacionadas aos grupos sociais que lhe dão sustentação e

só combatem diretamente as relações de produção quando surgem momentos históricos de acirramento das lutas de classes ou então quando um movimento social específico possui uma consciência revolucionária (com exceção daqueles movimentos que defendem tais relações).

Os movimentos sociais podem ser conservadores, reformistas ou revolucionários. Assim sendo, segundo os conceitos desenvolvidos por Viana (2015), os movimentos sociais conservadores são aqueles que buscam a manutenção da sociedade capitalista tal qual está apresentada, é em sua maioria monoclássista, composto de membros das classes privilegiadas pela hegemonia burguesa.

Os movimentos sociais reformistas, como o próprio nome diz, não buscam nem a manutenção das relações sociais (tal qual estão postas) nem a sua extinção, mas sim, que sejam realizadas reformas. Para Viana (2015) os movimentos reformistas são predominantes em períodos de estabilidade, uma vez que em épocas de crise, se espera, o fortalecimento das correntes conservadoras e revolucionárias.

De acordo com Viana (2015) os movimentos sociais reformistas geralmente são policlassistas, e não buscam combater ou refutar o aparato estatal e o capital, mas sim pequenas melhorias dentro da conjuntura existente. Cabe ressaltar ainda, que esses movimentos

sociais podem ter em suas ramificações tendências revolucionárias ou conservadoras, embora a hegemonia seja sempre reformista.

Finalmente, os movimentos sociais revolucionários têm como objetivo a transformação radical das relações sociais, e para esse projeto é necessário a participação do proletariado, uma vez que só se é possível transformar a sociedade capitalista alterando os meios de produção. Por buscar romper com a hegemonia burguesa, aqui existe uma propensão a represálias. (VIANA, 2015).

Desse modo, os movimentos sociais não são iguais ao movimento operário descrito na obra de Marx. Conforme Viana (2015), muitos autores confundem o movimento operário com os movimentos sociais, no entanto, eles não são a mesma coisa. Pois, como exposto acima, podem ser conservadores, reformistas, revolucionários ou ainda policlassistas, que não almejam a extinção do poder estatal. Enquanto o movimento operário trata da transformação social revolucionária, realizada por uma classe, o proletariado.

Ainda que os movimentos sociais não sejam ligados diretamente às classes sociais, segundo Jensen (2014), eles podem estar envolvidos na dinâmica das classes, seja ligado com a hegemonia ideológica burguesa, seja com a liderança do proletariado. Então, mesmo que os movimentos sociais não sejam iguais a luta de classes, muitas das vezes são influenciados por sua dinâmica.

Assim, o que se constata é que o pensamento marxista não aborda a questão dos movimentos sociais em si. Todavia, é inspiração para que outros autores possam tratar a ação coletiva, na mesma perspectiva do autor além dos demais pensadores marxistas que vieram depois pensar sobre suas obras.

De acordo com Gohn (2009), Marx e outros autores do pensamento marxista influenciaram uma das grandes correntes que articula sobre os movimentos sociais, a corrente histórico-estrutural. Por meio de seus estudos do movimento dos trabalhadores e enfatizando a transformação que os proletários conseguiriam caso estivessem unidos contra o capital.

Desse modo, diante de todas as colocações de autores que abordam tanto as questões dos movimentos sociais em si, quanto o pensamento de Marx, dentro dessa categoria sociológica, ou até mesmo o pensamento do próprio Marx, em suas obras, foram constatadas algumas das ideias pertinentes para os movimentos sociais.

Conceito de Movimentos Sociais para autores marxistas contemporâneos

Antes de finalizar o presente artigo é necessário esclarecer qual o conceito de movimentos sociais utilizado por autores marxistas contemporâneos. Não é possível abordar todas as correntes marxistas que tratam do tema,

mas, de maneira sucinta, será apresentado o conceito estabelecido por Viana e Jensen.

Para Jensen (2014), os elementos que compõem o conceito de movimento social passaram a existir somente na sociedade capitalista. Para o surgimento de movimentos sociais, é indispensável que haja uma divisão social do trabalho, complexa ao ponto de se tornar possível a formação de vários grupos sociais, com interesses distintos e com um certo avanço, no que se relaciona a consciência social.

Ainda de acordo com Jensen (2014), só pode existir um movimento social no momento em que um grupo social faz sua ação coletiva com frequência e quando possui uma consciência coletiva. Dessa forma, as mobilizações que ocorreram em sociedades que não dispunham de tais elementos eram resistências ou revoltas, acarretadas pelas condições, as quais um determinado grupo ou indivíduo era submetido.

Viana (2015), afirma que movimento social é a mobilização de um grupo social. Todavia, existem outros cinco elementos que somente juntos constituem o movimento: situação social, insatisfação social, senso de pertencimento, mobilização e por fim os objetivos.

É necessário esclarecer o significado de alguns desses elementos de forma mais detalhada, para que se possa compreender o todo que é o movimento social. O grupo social não pode ser confundido pelo movimento

social em si, pois, trata-se de um elemento. Para Viana (2015, p. 29) grupo social é: “é um conjunto de indivíduos que possuem algo em comum que os integra de forma específica na sociedade e por isso são sociais.”.

Desta forma, fica evidente que grupo social são os indivíduos, que por terem pontos em comum, compõem o movimento social, mas quais são esses pontos em comum? Viana (2015) destaca que essas semelhanças podem ser provenientes da corporeidade (movimento negro e feminino), situação (movimento estudantil) e cultura (religiosos).

Como um grupo social não faz sozinho o movimento social, infere-se que um grupo precisa de uma situação social que enseje a tomada de consciência daquele problema que não é apenas do indivíduo e sim do grupo o qual faz parte, ou seja, o senso de pertencimento, que acarretará a mobilização, com objetivos em comum.

Nesse sentido, situação social é uma motivação externa que somado a outros fatores pode ocasionar um movimento social. Assim sendo, um grupo que tenha um senso de pertencimento, diante de uma situação que gere uma insatisfação coletiva faz com que esses indivíduos se mobilizem por objetivos em comum.

Por fim, é necessário esclarecer que os conceitos de Viana e Jensen trazem como principal influência do pensamento marxista, o método. Os autores tratam dos movimentos sociais observando sua historicidade, pois,

esses movimentos surgem e se desenvolvem em um determinado momento histórico e estão inseridos na totalidade da sociedade capitalista. Isto posto, os movimentos sociais sendo estudados em conformidade com o método proposto por Marx não podem ser compreendidos de forma isolada, mas sim em sua totalidade.

Conclusão

Diante de todo o conteúdo exposto, oriundo de uma revisão bibliográfica, será possível chegar a determinadas conclusões. O cotejo das teorias dos movimentos sociais e do pensamento marxista nos leva a pensar sobre as influências das ideias desenvolvidas por Karl Marx, como por exemplo, a questão da transformação social.

Dentro da transformação social pensada por Marx, existe apenas uma classe capaz de mudar a dinâmica social da sociedade capitalista. Nesse sentido, a situação de opressão só cessaria quando ocorresse a revolução da classe operária, que aboliria o capitalismo, uma vez que ela produz toda a riqueza da sociedade e não lucra com isso.

Já os movimentos sociais, em sua maioria tem um caráter reformista, ou seja, buscam pequenas mudanças dentro da sociedade em que está inserido. Pode-se ainda, ter movimentos conservadores ou com tendências

revolucionárias, sendo que estes são geridos geralmente pela burguesia e suas classes auxiliares e proletariado, respectivamente.

Além da questão da transformação social, foram abordados outros temas no decorrer do apanhado dos paradigmas dos movimentos sociais. Dentre esses temas, está a questão da união de pessoas com objetivos em comum, o que na obra de Marx se trata das classes sociais, e nos movimentos sociais, são os grupos sociais.

Por fim, o que se pode concluir é que nos movimentos sociais existe muita influência do pensamento de marxista, mesmo que o autor não tenha um estudo diretamente ligado a essa categoria sociológica. Porém Marx abordou, em seus estudos, a ação coletiva e a transformação da sociedade, e mesmo não sendo tal qual o ocorre nos movimentos sociais, são categorias basilares para o desenvolvimento dos seus paradigmas.

Referências

ALONSO, Angêla, As teorias dos movimentos sociais: um balanço para o debate. *Revista Lua Nova*. Volume 76, e-49-86.

CALLINICOS, Alex. Capitalismo e racismo. Disponível em:

<http://www.iesc.ufrj.br/cursos/saudepopnegra/ALEX%20>

CALLINICOS_Capitalismo%20e%20Racismo.pdf.

Acesso em: 15 de set. 2015.

GOHN, Maria da Glória. *Novas Teorias dos Movimentos sociais*. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

GOHN, Maria da Glória. *Teorias dos movimentos sociais: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

IGLESIAS, Esteban. Da colonização da sociedade civil às tensões entre partidos no governo e movimentos sociais. *Revista Sociologia em Rede*, vol. 5, num. 5, 2015.

MARX, Karl. *Guerra Civil na França*. Edição eletrônica: Ed. Ridendo Castigat Mores, 1999. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/guerracivil.pdf>>. Acesso em: 20 de jul. 2016.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Ideologia Alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Disponível em: http://www.usp.br/cje/anexos/pierre/aideologiaalema_karl_marx_e_engels.pdf.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. Edição eletrônica: Ed. Ridendo Castigat Mores, 1999. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/manifestocomunista.pdf>>. Acesso em: 20 de jul. 2016.

MARX, Karl. *O Capital*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S. A, 1994.

MARX, Karl. *Sociedade e Mudanças Sociais*. Lisboa: Edições 70, 1974.

NUNES, Jordão Horta. A teoria do frame e a análise dos novos movimentos sociais. In: Encontro Nacional da Anpocs, 35, 2011, Caxambu. O pluralismo na teoria contemporânea. P. 01 – 28.

TARROW, Sidney. *Poder em Movimento: Movimentos sociais e confrontos políticos*. Petropolis: Vozes, 2009.

VIANA, Nildo. *Os Movimentos Sociais*. Florianópolis: Bookess, 2015

RESUMO: No seguinte estudo, serão abordadas as teorias clássicas da ação coletiva, bem como, as teorias contemporâneas dos movimentos sociais, em cotejo com as considerações de Karl Marx. Nesse sentido, é necessário analisar ambas as teorias além de suas aplicabilidades e decorrências nos contextos sociais. Tendo como objetivo, averiguar as influências do pensamento marxista dentro dos paradigmas dos movimentos sociais. Para tanto, utiliza-se como metodologia, revisão bibliográfica por meio de autores que tratam as teorias, marxistas ou não marxistas, dos movimentos sociais. Tão somente, as obras próprias de Karl Marx, dentre as quais, destacam-se, nessa pesquisa: “Sociedade e Mudanças Sociais”, “Manifesto Comunista” e “Guerra Civil na França”, sendo assim analisadas com foco na questão de transformação social.

PALAVRAS CHAVES: Ação Coletiva, Movimentos sociais, Karl Marx.